



Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | severinofrancisco.dfg@dabr.com.br

De olho em Brasília

A maioria dos artistas do modernismo tinha simpatia por Brasília. Afinal, Brasília é o modernismo transformado em cidade. Mas uma das exceções foi o ilustre colega Rubem Braga, inimigo implacável da nova capital do Brasil. Não perdia uma oportunidade de destilar algum veneno insinuante, mesmo se a crônica fosse sobre outro assunto. Certa vez, lhe perguntaram se gostaria de morar em Brasília e ele respondeu que não, “nem

que o doutor Israel Pinheiro lhe desse um lote com cartório”.

Mas em um dos textos de *Bilhete a um candidato & e outras crônicas sobre política brasileira* (Ed. Autêntica), ele formula as razões da aversão a Brasília de maneira mais clara e sem a ranhetece habitual. Gostei de ler a crônica, pois tinha a curiosidade de saber qual o olhar de Braga para a cidade, despido da implicância e do azedume.

É muito bonito o que ele diz do Lago Paranoá, embora, em seguida, ele volte a alfinetar Brasília: “O lago será uma grande coisa, miradouro de nuvens, espelho de crepúsculos, viveiro de estrelas e luas, mas quanto tempo não passará até

que deixe de ser uma represa, inundação artificial para ser lago mesmo?”

A visão sobre a paisagem do planalto não merece melhor sorte: “O planalto é triste com seus arbustos sem graça, que o pintor de São Paulo aproveitou com bom gosto e arte para fazer uns arranjos que decoram o Alvorada e o hotel, arranjos interessantes, mas, no fundo, insuportavelmente tristes, uma aridez enfeitada”.

Mais adiante, Braga esclarece os motivos da falta de afinidade com o projeto, a paisagem e o horizonte aberto do descampado: “Quem nasceu entre matas e morros e tomou banho em rio de verdade, e viveu na beira do mar — sente uma secreta aflição nesse descampado sem fim

onde um excesso de céu acachapa tudo: e quanto tempo levará a cidade para se livrar do esquema da prancheta e fabricar o seu próprio mistério, seu mel e seu veneno, não de funcionários, larápios, industriários, securitários?”

Eu considero relevante registrar e contestar a visão de Braga, porque continua a ser repetida pelo restante do país. O lago poderia ter uma estrutura que tornasse a fruição do espaço mais democrática, mas está plenamente incorporado à cidade. Braga desentendeu totalmente a beleza contorcida e áspera do Cerrado. Uma beleza que está na poesia ou na antipoesia de João Cabral.

As árvores floresceram, estabeleceram

estações florais e atraíram uma legião de pássaros. E o céu, que ele tanto destratou, foi incorporado como uma espécie de entidade metafísica cotidiana de Brasília.

Em 1959, quando escreveu a crônica, os forrós animavam os candangos em festas no Núcleo Bandeirante. A canção *Rô-jão de Brasília*, parceria de Jackson do Pandeiro e João do Vale, já revela o olhar de quem se deteve na cidade e interagiu com o espaço: “O planalto é tão lindo que a gente tem a impressão/que bem ali pertinho/o céu encosta no chão”

No entanto, Braga estava certo em uma observação sobre o ideal de Brasília: “mas em volta permanecerá um Brasil misterioso e triste que ela não entenderá”.



“Vou até o fim”, diz Arruda

Após ter candidatura barrada pelo TRE-DF, ex-governador recorre da decisão no TSE e descarta a possibilidade de ser substituído

» ANA CAROLINA ALVES

Após ter o registro de candidatura negado pelo Tribunal Regional Eleitoral do Distrito Federal (TRE-DF), o ex-governador José Roberto Arruda (PSD) afirmou, em coletiva de imprensa convocada ontem após a decisão da Corte eleitoral, ter “convicção” de que tem direito à candidatura e disse que pretende levar o caso até as últimas instâncias da Justiça Eleitoral. Ontem, o candidato protocolou um recurso no Tribunal Superior Eleitoral (TSE) para tentar reverter a decisão da segunda instância.

O ex-governador afirmou não se considerar vítima de perseguição política ou judicial. “Eu me sinto no epicentro de uma questão que certamente será estudada em todos os cursos de direito, que ficará para a jurisprudência e para a história jurídica brasileira”, afirmou. Segundo o candidato, a possibilidade de permanecer afastado da vida pública por décadas não seria razoável. “Vão me deixar 30 anos fora de exercer a minha missão, o meu prazer, a minha vontade, o meu idealismo? Não é razoável. Não está certo”, declarou.

De acordo com o advogado Francisco Emerenciano, a defesa apresentou ao TSE documentos que, segundo ele, comprovam o elo entre as ações. “Há farta documentação da existência de conexão e, ainda que não existisse conexão,

há um dispositivo da Lei Complementar 219, de 2025, que estabelece um limite, um marco temporal, de 12 anos”, explicou.

Para a defesa, independentemente de qual das duas teses seja considerada, não haveria mais causa de inelegibilidade contra o candidato. “De uma forma ou de outra, já não pesa contra o candidato nenhuma causa de inelegibilidade. Esses serão os dois pontos tratados no recurso”, afirmou o advogado.

Questionado se poderia haver outro nome para substituir o ex-governador na disputa, Arruda foi enfático ao rejeitar essa possibilidade. “Eu vou até o fim”, declarou. Arruda reforçou a confiança na estratégia adotada pela defesa e disse não ter dúvidas de que poderá reverter a decisão. “Eu não sou frouxo. Se eu não tivesse convicção, tudo bem. Eu não levaria todo esse grupo aqui comigo. Tenho absoluta convicção do meu direito, tenho absoluta confiança na Justiça e a Justiça vai prevalecer”, destacou.

Críticas

Durante a coletiva, Arruda questionou uma decisão anterior do próprio TRE-DF envolvendo as provas utilizadas nos processos contra ele. Segundo o candidato, o mesmo tribunal e o mesmo relator teriam decidido pela anulação das provas e, agora, utilizado condenação baseada nelas para reconhecer sua inelegibilidade.

Marcelo Ferreira/CB/DA Press



Arruda disse ter “convicção” de que tem direito à candidatura e que confia na Justiça

“Quem foi que anulou as provas contra mim? O TRE. Quem foi o relator dessa nulidade? Desembargador Guilherme Pupe. Portanto, leu a matéria e viu que as provas eram nulas. O que o mesmo desembargador está fazendo agora? Tomando-me inelegível por condenações que usaram as provas que ele e o pleno consideraram

nulas”, disse. “Alguma coisa está fugindo do que é razoável no entendimento jurídico e na visão política”, avaliou.

Apesar das críticas, o candidato voltou a dizer que aceitará a decisão definitiva da Justiça Eleitoral. “Respeitamos as decisões judiciais, mesmo quando elas são contrárias a nós”, ressaltou.

ontem (quinta), vou fazer hoje (ontem). Eu não afrouxei, eu vou para a rua”, afirmou.

Arruda citou a responsabilidade que diz ter com os partidos e candidatos que apoiam sua candidatura e com os eleitores que desejam uma mudança no comando do Distrito Federal. “Eu tenho responsabilidade com todos os que são candidatos, com os presidentes dos partidos que me apoiaram, eu tenho responsabilidade com as milhares de pessoas que querem votar em mim, que não querem mais o que está aí continuar. O que eu puder fazer, eu vou fazer”, declarou.

Dignidade

Arruda afirmou que sua decisão de recorrer está ligada à preservação da própria trajetória política. “Eu recorro também por uma razão egoísta, por mim mesmo. Para terminar a minha vida pública com dignidade”, confessou.

Ele destacou que não pretende abandonar a disputa judicial. “Deus me poupou o sentimento do medo. Eu tenho dignidade pessoal. E eu vou, nem que seja o último ato da minha vida, até o final na defesa da lisura e na defesa da minha candidatura”, afirmou.

O ex-governador voltou a criticar o período pelo qual poderá permanecer inelegível caso prevaleça o entendimento do TRE-DF. “Se eu tivesse matado alguém, eu estaria livre”, disse.

» Podcast do Correio

Mayara sem radicalismo

» VITÓRIA TORRES

Mayara Noronha, ex-primeira-dama e ex-secretária de Desenvolvimento Social do Distrito Federal, decidiu entrar na disputa eleitoral deste ano para tentar uma vaga na Câmara dos Deputados pelo Podemos. Em entrevista ao Podcast do Correio, a candidata se definiu como de centro-direita, criticou a polarização política e afirmou que ainda não escolheu em quem votará para o Governo do Distrito Federal (GDF). As jornalistas Ana Maria Campos e Mila Ferreira, Mayara também contou sobre a entrada na política e a atuação à frente de ações sociais.

PONTO A PONTO

Posição política

“Brasília é um ambiente de direita. Eu sou de centro-direita. Sou de direita na ordem, nas ideias, nos valores. Mas eu sou a pessoa do diálogo. Não sou da direita radical, de forma alguma. Acredito que, inclusive, esse radicalismo é o que prejudica a nossa construção política, porque a gente está vivendo exatamente essa era de brigas. Um



Assista o programa completo aqui:

momento em que, se você é de um lado, tem que ser totalmente contra quem está do outro lado. Sou totalmente contra a polarização. Na minha memória, sempre houve debate de alto nível dentro do Congresso Nacional e no Supremo Tribunal Federal (STF). Eu sou do mundo do direito, tinha orgulho da forma como debatiam. De dez anos para cá, o que a gente vê é baixaria constante. Fico feliz de as pessoas conseguirem, hoje, acompanhar mais a política. Porém, ao mesmo tempo, em vez de elas acompanharem para subir o nível, para querer entrar, para aumentar a rotatividade de quem entra e sai da política, eu estou vendo que as pessoas, na verdade, estão colocando mais em descrédito aqueles que se colocam à disposição. Isso é muito ruim.”

Mulheres

“Eu nunca tive uma pauta feminista, mas eu sou da pauta

feminina. Defendo muitas mulheres. Analisando as pesquisas, eu olhei o ranking de candidatos e pensei: ‘O que custa a mulherada, que é o maior público que vota, escolher uma mulher para dar peso?’. Não para querer competir. Não para cumprir cota. Não é isso. Mas é a questão da análise da legislação em que nós vamos trabalhar. Por que essa predominância masculina? Qual o motivo disso?”

Apoio para GDF

“Estou analisando todos os candidatos. Ainda bem que o voto é secreto. Não escolhi ainda. Inclusive, sempre estou falando: nunca vendam o voto de vocês ou votem porque alguém pediu. Tenham voto consciente. Escolham seus candidatos de acordo com o que vocês acreditam.”

Candidatura

“Eu não iria me candidatar em 2026. Quando eu fui para o Podemos, foi na missão de ajudar a Ana Paula Marra na candidatura como distrital. Ela sempre realizou um trabalho de excelência, mas não era uma figura conhecida. Em julho, a vontade de ir para a política era notória. Sempre me envolvi por

vontade, não por obrigação. Nas convenções do partido, em agosto, eles precisavam dar o xeque-mate e publicar quem eram os candidatos. Mas eu não estava convicta. Quando você dá um sim para a política, você tem que ir com todas as suas responsabilidades e certezas. Não tem como ter dúvida. Eu teria até o dia 15 de agosto para poder me candidatar. Porém, o partido tinha que encaminhar uma lista completa dos candidatos e acabou encaminhando com o meu nome. Eu descobri que era candidata pelos portais de notícias. Poderia renunciar, mas quem sou eu para desistir? Prestei serviços durante os últimos sete anos. Agora, estou percorrendo outros espaços, me apresentando.”

Desafio

“A minha dificuldade hoje é me fazer ser conhecida como candidata. Quando falamos dos programas, as pessoas reconhecem; quando falam das ações, as pessoas reconhecem, mas as pessoas não conseguem vincular a Mayara com esses trabalhos. Esse é o desafio.”

Ação social

“Criei as ações sociais que

Reprodução



Candidata cita o programa Prato Cheio como uma das suas ações

hoje estão no calendário do governo. Em 2020, assumi a Secretaria de Desenvolvimento Social, que não tem nada a ver com ação social. Foi através dessa minha gestão, enquanto primeira-dama à época, que eu consegui fazer uma grande mobilização e salvar a fome daqueles que estavam aguardando uma cesta básica. Eis que nasce o Cartão Prato Cheio, que foi o pioneiro no país na forma de modernizar a entrega da

cesta básica brasileira. A partir do DF, outros estados foram implementando, alguns inclusive com o mesmo nome. Então, eu tenho orgulho de falar dessa política pública, que se tornou referência nacional. Com o Cartão Prato Cheio, foram mais de 500 mil famílias alimentadas. Fora isso, tem DF Social, Cartão Gás, Cartão Material Escolar. O impacto dentro das casas das pessoas é significativo.”